

**A LINGUAGEM DO TRABALHO  
NO MUNDO CONTEMPORÂNEO:  
UMA ANÁLISE  
A PARTIR DAS CONTRIBUIÇÕES DE MICHEL FOUCAULT**

*Francisco Estácio Neto* (UFF/ESSE)

[francisco-estacio@hotmail.com](mailto:francisco-estacio@hotmail.com)

*Gisele de Araújo Gouvêa Estácio* (UFF/ESSE)

[giselle.psicologia@ymail.com](mailto:giselle.psicologia@ymail.com)

*Amaro Sebastiao de Souza Quintino* (UENF)

[amarotiao@yahoo.com.br](mailto:amarotiao@yahoo.com.br)

*Jackeline Barcelos Corrêa* (UENF)

[jack.barcelos1@hotmail.com](mailto:jack.barcelos1@hotmail.com)

**RESUMO**

Este trabalho trata dos ensinamentos de Michel Foucault sobre a linguagem contemporânea frequente nas organizações de trabalho onde o conceito de "empregado" é substituído pelo conceito de "colaborador" numa metáfora que remete às diversas transformações do mundo frente à revolução digital. Nosso objetivo é analisar a mudança da linguagem corrente nas organizações de trabalho frente às mudanças decorrentes da revolução digital. De certa forma realizar uma análise menos atenta poderia induzir à constatação de que, a partir dos conceitos de Michel Foucault, o trabalho não poderia ser pensado, uma vez que ele jamais se preocupou diretamente com o trabalho enquanto categoria de análise. Como metodologia adotou-se uma abordagem de natureza qualitativa, com pesquisa de campo, onde serão realizadas entrevistas abertas com 10 empresários e 10 colaboradores de empresas de médio porte utilizando o método cartográfico visando levantar as perspectivas desses dois grupos acerca da linguagem corrente das instituições de trabalho face às diversas mudanças e exigências do capitalismo que a cada dia aumenta mais. As novas exigências da sociedade não requerem mais um trabalhador passivo e que gasta só a sua energia muscular num silêncio da linguagem sem falar e sem se expressar, e a sociedade da informação em face a revolução digital espera uma nova linguagem do antigo trabalhador que agora é denominado de colaborador, deve se expressar, colaborar, trabalhar em equipe, criativo. E a linguagem deste trabalhador é o principal instrumento do trabalho nas sociedades contemporâneas, ele está substituindo atualmente o trabalho mecânico muscular pelo trabalho intelectual, e esse trabalho intelectual se expressa pela linguagem.

**Palavras-chave:** Linguagem do trabalho. Mundo contemporâneo. Michel Foucault.

**1. Introdução**

Os impactos do processo de globalização, do tecnicismo, do marmemoto virtual e da revolução da informática na constituição da subjetividade do trabalhador, ou seja, na forma como ele vê o mundo, nos valores

que elege, nos medos que surgem para ele, dentre outras questões, se colocam hoje como um grande desafio para o mundo do trabalho tendo implicado até em uma mudança no campo da linguagem na referência ao trabalhador que hoje é designado como “colaborador” e não mais como “empregado”.

Estas mudanças linguísticas que são decorrentes dessas transformações se constituem como um desafio para os que querem encarar a imensa complexidade do mundo organizacional onde mais que paredes, mesas, documentos e máquinas estão pessoas com conteúdos simbólicos diferenciados, que amam, odeiam, sentem inveja, medo, disputam posições de poder, seduzem e são seduzidos... Enfim, onde o homem é “humano, demasiadamente humano”.

Como metodologia adotou-se uma abordagem de natureza qualitativa, com pesquisa de campo, onde serão realizadas entrevistas abertas com 10 empresários e com 10 colaboradores de empresas de médio porte.

Foi utilizando o método cartográfico visando levantar as perspectivas desses dois grupos acerca da linguagem corrente das instituições de trabalho face às diversas mudanças e exigências do capitalismo que se percebe que a cada dia aumenta mais.

O objetivo específico desta pesquisa é analisar a mudança da linguagem corrente nas organizações de trabalho, frente às mudanças decorrentes da revolução digital. De certa forma, busca-se realizar uma análise menos atenta poderia induzir à constatação de que a partir dos conceitos de Michel Foucault.

Para esse desafio, a obra de Michel Foucault que se tornou referência obrigatória para a compreensão e análise epistemológica do surgimento das ciências humanas no cenário científico e também como uma forma peculiar de entender o processo de constituição da subjetividade, é sem dúvida para os “arqueólogos” do mundo do trabalho um instrumental fundamental para a tarefa de compreensão das relações que ocorrem no ambiente organizacional.

Dessa forma, é de fundamental importância entender, sobremaneira, a análise do processo de constituição da subjetividade moderna tendo em vista o objetivo de compreender a multiplicidade de fenômenos humanos que ocorrem dentro das organizações.

Sabemos que a forma como o trabalho está organizado na maioria das atividades laborais modernas no ocidente, implica que as pessoas

passem a maior parte de seu tempo no interior das organizações. Muitas vezes, o período em que ele vai para a sua casa é somente o tempo suficiente para repor suas energias físicas para, a seguir, retornar à sua rotina de trabalho.

Embora as condições de trabalho tenham melhorado bastante desde o início do capitalismo industrial, sobretudo no aspecto das condições de trabalho, como de iluminação, condições insalubres e perigosas, a realidade do trabalhador continua a mesma: ele ainda não é dono dos meios de produção, seu trabalho continua sendo alienado e ele continua apartado do produto de seu labor, vivendo basicamente a maior parte de seu tempo nas organizações em que desenvolve o seu trabalho.

Contudo, as organizações do trabalho, que não são paredes e nem um conjunto de máquinas, possuem cada uma suas peculiaridades, idiosincrasias e singularidades que as distinguem entre si, tal qual as pessoas que as constituem se diferenciam entre elas, embora a abordagem clássica (Taylorismo, Escola das Relações Humanas, O&M, só para citar algumas) das organizações insistam, regra geral, em tratá-las como “basicamente semelhantes” e, em consequência, adotam procedimentos homogêneos para realidades essencialmente diferenciadas. Ao contrário, as organizações são na verdade não uma soma de prédios e maquinários, mas um conjunto de sujeitos e subjetividades.

## **2. *A emergência das subjetividades***

A questão da globalização e seus correlatos como o tecnicismo, o enfraquecimento dos estados nacionais, o uso das redes virtuais (infovias: estradas virtuais) dentre outros fatores, por não terem ainda uma configuração completamente definida de seus efeitos e consequências, deixa atônitos patrões e empregados, às vezes de forma explícita e de outras vezes de forma invisível e quase imperceptíveis, tendo em vista a produção de alguns efeitos práticos no cotidiano do trabalho como a crescente informatização, as novas tecnologias, a competição agora globalizada, a crise dos empregos que são apenas alguns dos efeitos dentre muitos da globalização.

A forma como cada um dos agentes organizacionais (dirigentes e subordinados) responde a essa realidade é completamente heterogênea, num primeiro nível pela diferencial de posição de poder e ademais pela própria complexidade da história pessoal dos mesmos.

Contudo, por estarem em posição privilegiada de mando e controle nas organizações e, em nome da busca de uma excelência agora com exigências globais, os dirigentes muitas vezes por desespero estão não raro se apegando a qualquer modismo que supostamente coloque a sua organização em consonância com as novas exigências de mercado e, em geral, querem impor inúmeros novos comportamentos aos membros de sua organização derivados “do modismo da vez”, buscando com isso produzir idealmente uma uniformidade de resposta atitudinal de seus subordinados.

Em consequência, o que se observa são os trabalhadores se submetendo por medo ou coação a comportamentos na maioria das vezes impostos: “Bom dia Senhor ... Muito obrigado ... Nós estamos aqui para lhe servir... O cliente é o nosso maior aliado ... A qualidade deve ser buscada por todos nós ... Sem qualificação nossa empresa não vencerá os desafios ...”

Por meio desses comportamentos impostos, acreditam os dirigentes estarem produzindo sujeitos da era global, como se o processo de constituição da subjetividade fosse a mera repetição de palavras mecânicas e, uso de roupas engomadas ou o esboço de um sorriso mecânico. Tal equívoco leva a atitudes estereotipadas e formais que em última instância não melhora a excelência da qualidade e da produtividade nas empresas por terem um caráter meramente formal e superficial. Michel Foucault nos ensina que não é bem assim...

A investigação que Foucault desenvolve em torno da questão da emergência da subjetividade se vincula não a estruturas cognoscitivas e a estruturas lógicas (Piaget, 1967), ou a uma perspectiva psicanalítica que se fulcra na questão do simbólico, da linguagem e à cultura (Freud, 1974) e nem a uma tradição marxista, sobremaneira nos trabalhos de Althusser (*apud* Japiassú & Marcondes, 1996), que se conecta para falar do sujeito ao campo do social e aos movimentos de repressão e ideológicos.

Ressalva-se, contudo em Louis Althusser a sua preocupação com a produção do conhecimento, diferenciando-se assim da tradição humanista e leninista do marxismo que privilegia as superestruturas em sua abordagem do fenômeno social. Longe de se orientar por essas “trilhas batidas”, Michel Foucault ao contrário, começa a trabalhar a noção de solo epistêmico, que inicialmente pode ser identificada a uma prática geológica no sentido de que solo epistêmico é uma mudança de território.

Podemos dizer, por exemplo, que o solo epistêmico da modernidade em relação a subjetividade está ligado às perspectivas de Jean Pi-

aget, Sigmund Freud e a uma certa tradição marxista, dentre outros pensadores. Contudo, em outros contextos históricos, como por exemplo, na idade média, o solo epistêmico da subjetividade era outro, ou seja, ocupava outro território, como por exemplo, o da transcendência religiosa.

Dessa forma, solo epistêmico para Michel Foucault pode ser caracterizado como uma intrigada rede de significados, conceitos e valores de uma determinada época nas diversas manifestações sociais, tais como na filosofia, na política, economia, na arte, na ciência e na literatura. A noção de sujeito típica da tradição racional do pensamento moderno por ter um solo epistêmico específico que o constitui passa a ter para Michel Foucault não um caráter natural e eterno, mas sim o de uma produção social histórica cujas origens podem ser encontradas e delimitadas, portanto, com uma datação de sua origem. Dessa forma há em sua obra uma desnaturalização da noção de sujeito e a compreensão de que o mesmo é um produto de solos epistêmicos específicos.

Para realizar esta tarefa de desnaturalização de determinadas ideias como a da subjetividade, Michel Foucault desenvolve um método original de compreensão das ideias, empreendendo uma verdadeira arqueologia do saber no sentido de realizar uma série de análises discursivas tomando os discursos em um sentido prévio a qualquer categorização, estabelecendo relações não tematizadas visando examinar exatamente como as diversas categorizações de um campo histórico (ou solo epistêmico) se constituem, ou seja, como surgem os campos discursivos em uma determinada época.

Realiza também e de forma brilhante, principalmente, em sua obra *Vigiar e Punir* (1975) uma análise histórica de como o poder pode ser tomado como produção de sentidos e saberes ao analisar a história da violência nas prisões, à emergência das práticas médicas e pedagógicas como um discurso científico sobre o homem. Dessa forma, os discursos são vistos a partir das condições políticas que os tornam possíveis em uma determinada época.

### **3. As teorias de Foucault e sua linha de investigação**

Michel Foucault passa a estudar diferentes solos epistêmicos buscando compreender o problema do sujeito. Ele investiga a questão do sujeito na Grécia e em campos sociais mais antigos como o Egito e dos hebreus. Isto, sem nenhum pressuposto de estrutura inata, na perspectiva de

Noam Chomsky, ou também de organizações lógicas no sentido piagetiano. Ou seja, a sua premissa é a diversidade histórica, o que implica, pelo menos, que a história tem movimentos que sinalizam que o sujeito não tem estruturas absolutas e nem que podem ser mudadas por um desejo do “patrão” ou da moda administrativa do momento como a abordagem clássica em administração parece pressupor.

Nessa linha de investigação, Michel Foucault começa a investigar o campo político, sendo levado dessa forma a estudar o Estado para entender o sujeito. Assim, ele começa a estudar o sujeito e acaba tendo que estudar o Estado para entender o sujeito.

Ele percebe, por exemplo, que a Grécia é um estado preocupado também com a terra, no sentido que uma das grandes questões do Estado grego é o da administração da terra. Nesse movimento, ele retorna ao Egito e tem uma surpresa ao verificar que os faraós usam o cajado, instrumento do pastor para “conduzir suas ovelhas”, significando que lá o governo que vigora não é só o da terra já acontecendo lá algo que aparece como um governo dos homens.

Daí ele começa a verificar como funciona a administração de um pastor de ovelhas. Compreende que a principal preocupação de um pastor de ovelhas é que ele tem de *individualar* o seu rebanho. Individualar, nada mais é do que o pastor ter que conhecer indivíduo por indivíduo de seu rebanho. É corrente a frase no meio cristão que “o bom pastor conhece as suas ovelhas”.

Isso é uma qualidade primordial para um pastor, pois é por meio dessa prática que ele terá que dar uma identidade e um conjunto de características a cada uma de suas ovelhas. Então, o pastor individualiza, atribui identidade e características a cada ovelha de seu rebanho. A partir daí, e continuando sua análise do campo político, Michel Foucault observa a fuga de Moisés do Egito e constata uma questão fantástica: é que os judeus não têm terra, então o tipo de poder político que vai nascer entre os Judeus não é a administração da terra, mas é a administração de homens.

Esta perspectiva de análise de Michel Foucault é espetacular, pois permite detectar muitas facetas por vezes desconsideradas pela historiografia tradicional, por serem apenas pequenos detalhes, mas que, contudo, revelam-se de importância capital, como no exemplo acima, para compreensão dos fenômenos sócio históricos. Notamos aqui uma tentativa de administração da alma humana pelos judeus, ou seja, existe um viés

religioso, ou de tentativa de estabelecimento de uma religiosidade dentro da “alma”.

Na modernidade, o que observamos é um processo de laicização da subjetividade humana deslocando o território discursivo para a construção de uma interioridade através de fichas, cadastros, nome, endereço, cargo, função, ... que venham a vincular ao subjetivo nesse momento não a necessidade de uma ordem religiosa, mas, a demandas oriundas de uma economia de mercado cada vez mais tecnologicadas.

Ademais, a pós-modernidade, está aos poucos se esboçando através de fenômenos como a engenharia genética, as relações virtuais, o esgotamento das biodiversidades e o fortalecimento dos movimentos ecológicos, a crise do trabalho na forma capitalista do emprego e tanto outros fatores, dos quais a globalização é apenas um deles, todos amalgamados em uma teia que não sabemos bem ainda em que conformação irá se esboçar, ou até se terá uma conformação final.

Retornando a *Vigiar e Punir*, Michel Foucault nessa obra realiza uma profunda análise do processo de liberação epistemológica da medicina, observando todo um processo de categorização da clientela médica, da invenção de uma classificação nosográfica dos diversos tipos de doença chegando à especificidade de colocação de uma ficha individual aos pés do leito de cada doente para identificar com clareza o tipo de enfermidade que o acomete.

O médico se torna cada vez a principal autoridade dentro dos hospitais substituindo assim as antigas congregações religiosas na administração dos moribundos e párias, que com a técnica clínica se transformam agora em doentes, fazendo assim a medicina emergir como ciência que detém o conhecimento de sua cura.

O que está em jogo é um modelo de esquadriamento visando separar corpos dóceis, sadios, disciplinados e hábeis ao processo produtivo daqueles acometidos de qualquer incapacidade produtiva, ou seja, a busca da constituição de um modelo pestífero de sociedade. Este modelo médico serve de protótipo para a separação também no corpo social de delinquentes, loucos, bêbados, alcoólatras e despreparados em geral para a tarefa da produção.

Por outro lado, quando Michel Foucault empreende também a busca da compreensão de como se deu a liberação epistemológica da pedagogia, observa todo um esforço da escola em comparar e medir cada

um dos alunos entre eles mesmos e com o coletivo da classe escolar.

Este esquadriamento está visando medir para depois analisar e outorgar um carimbo de normal e produtivo somente àqueles que conseguirem não vadiar, não se distrair e se indisciplinar, isto é, somente àqueles que provarem estar extremamente domesticados para a produção e a obediência.

#### **4. Algumas reflexões sobre a temática**

Dessa maneira, o exame passa a ser na escola uma verdadeira troca de saberes, pois o aluno passa a constituir um campo de observação (se aprende, como aprende, se tem postura, se é distraído etc.) para o professor que mede e classifica o seu desempenho na compreensão do ditado e na execução de todas as demais rotinas escolares.

Percebe-se que o aluno passa a emitir assim um saber para o professor. Por outro lado, o aluno deve apreender também um saber que emana do professor: se constitui assim uma inserção da pedagogia no cenário oficial científico através da constituição do que passou a ser chamado de um saber pedagógico, fruto dessa relação. Observamos aqui, como no caso do saber médico acima descrito, o quanto o exame na escola supõe um mecanismo que liga certo tipo de formação de saber a tecnologia de exercício de poder.

Dessa forma, eventos que atravessaram separadamente espaços como a escola, a fábrica, o presídio e o saber médico, aparentemente tão diferente, possuem para Michel Foucault uma mesma matriz de constituição: selecionar, catalogar, dividir em partes, estabelecer métodos de jogos de perguntas e respostas, de classificação e de notas, possibilitando assim a identificação de cada indivíduo, que mal o acomete, o quanto ele consegue aprender e qual é a sua capacidade individual produtiva dentro da fábrica, tal qual o pastor faz com as suas ovelhas. Conhecer para individuar, individuar para controlar.

A biografia, que no passado era um privilégio dos nobres, soldados e heróis é agora uma necessidade social para o conhecimento detalhado das capacidades de cada indivíduo. Como vemos, a isto podemos chamar de constituição de subjetividade, que no ocidente se tornou mais eficaz a partir da emergência da sociedade industrial capitalista.

Por meio de sua análise, Michel Foucault verifica que a constitui-

ção de uma subjetividade nada tem de eterno e natural, mas é constituída a partir de práticas discursivas de saber e de poder em uma determinada formação social.

Na atualidade podemos verificar como as mudanças que ocorreram nos séculos XVIII-XIX, desenharam uma maneira inteiramente peculiar de administrar os corpos e maximizar a produção. De certa forma, as técnicas produzidas de esquadramento e de disciplina dos corpos operam no cotidiano das pessoas quase que de forma invisível.

Na escola a reprodução de conteúdos substituindo a reflexão sobre eles é uma prática comum e através dos mesmos são repassados significantes ideológicos que são absorvidos muitas vezes de forma inadvertida.

A economia de mercado e a prática consumista desenfreada formam um círculo vicioso que visam modelar um comportamento coletivo padrão através de mecanismos reprodutores de saberes e poderes em todos os recantos sociais. Dessa forma, o poder do Estado é referendado na família pela autoridade dos pais, na escola pela autoridade do professor, no hospital pela do médico,... Imagine-se essa situação no interior das organizações...

Muitas vezes, e aprofundando o poder de sua penetração, até o irmão mais velho acha ter mais autoridade que o mais novo... O poder se aliou ao saber para produzir um sujeito útil, acrítico e principalmente produtivo. A novela das oito, o sorteio da megassena acumulada ou os domingões televisivos se transformam em verdadeiras euforias coletivas nacionais, máquinas do capital. (GUATTARI, 1977)

Para a produção dos desejos coletivos disfarçados de individuais. O sexo ficou internado na relação conjugal através do saber psicanalítico que dita o que é certo e o que é errado, o doente no hospital, através do saber médico, a criança na escola, o louco no asilo... Ou seja, temos uma sociedade internada nas diversas especialidades do saber.

A compreensão através da história dos sentidos do trabalho humano também sofreu e sofre uma série de variações históricas que devem ser compreendidas como movimentos, reflexos de solos epistêmicos diferenciados e não através de soluções mágicas e adaptações forçadas dos magos administrativos de plantão, como no caso de muitos processos de implantação de qualidade total e de reengenharia empresarial.

Na tradição judaico-cristã, ainda nos livros do antigo testamento, o trabalho já sofre uma conotação negativa quando após cometerem o pecado original, Adão e Eva são condenados a viver do “suor de seus ros-

tos” pela falta cometida.

Como se viver no paraíso, é viver sem o pesado fardo das atividades laborais. Desconsiderando o quanto o trabalho foi importante para o domínio da natureza e a afirmação do homem sobre ela. Não é por acaso que Prometeu se arriscou tanto para levar o fogo do Olimpo para os homens: com o fogo pode-se produzir instrumentos de metal para caçar, para arar a terra e armas para a defesa.

A origem vocabular da palavra trabalho induz também a uma conotação depreciativa: deriva de “Tripaliare = Tripalium” que era um instrumento de tortura usado em condenados e também para manter presos animais difíceis de ferrar, tal qual mantém hoje também presos durante horas a fio o homem no trabalho, seja este industrial ou burocrático, tendo o homem sido reduzido quase à condição de coisa, de uma peça da produção, como meros “recursos”, recursos humanos mesmo sendo considerado paradoxalmente de forma tão desumana: dentro das organizações, regra geral, ele não pode se expressar, dar ideias, sugerir, pensar, ...só executar e... obedecer ... “Até porque falar é antes de tudo deter o poder de falar”. Ou, ainda, o exercício de poder assegura o domínio da palavra: só os senhores podem falar.

Quando aos súditos, estão submetidos ao silêncio do respeito, da veneração ou do terror. Palavra e poder mantém relacionamentos tais que o desejo de um se realiza na conquista do outro. Príncipe, déspota ou chefe de Estado, o homem do poder é sempre não somente o homem que fala, mas a única fonte de palavra legítima: palavra empobrecida, palavra certamente pobre, mas rica em eficiência, pois ela se chama ordem e não deseja senão a obediência do executante. (CLASTRES, 1978)

#### Nos estudos de Maria Irene Stocco Betiol (1994)

Mesmo com a crescente informatização da atividade industrial e a concentração de boa parte dos trabalhadores no setor burocrático e de serviços, os mesmos continuam sendo submetidos ainda aos efeitos agora não mais das condições de trabalho (luminosidade, atividades insalubres etc.) mas, da organização do mesmo sobremaneira no aspecto das relações hierárquicas que impõe uma relação autoritária e de submissão onde a fala e a expressão humana lhe é negada e, ao nível das tarefas, que por vezes enfadonhas afetam diretamente a satisfação e a motivação no trabalho. (BETIOL, 1994)

Na Grécia, o trabalho é desvalorizado por ser uma atividade delegada somente aos escravos. Para Platão, a finalidade do homem livre é a contemplação das ideias. Dessa forma, para o amigo do conhecimento, o trabalho manual e operacional não é uma tarefa adequada e sim, a busca e aproximação das ideias perfeitas e verdadeiras.

A palavra latina “Negotium” (Negação do Ócio) corrobora mais ainda na cultura romana à atividade contemplativa como uma prerrogativa dos homens livres. Assim, o trabalho é a ausência do lazer, do ócio, da ruminação, direitos daqueles que são cidadãos, em contraste com a triste realidade daqueles que tem que se entregar a atividades não contemplativas.

Na Idade Média, São Tomás de Aquino tenta de forma tímida reabilitar certo sentido virtuoso ao trabalho manual, dizendo que todos os trabalhos se equivalem, contudo, a sua influência grega o leva na prática, a valorizar a atividade contemplativa, até porque a maioria dos textos medievais considera a “*Ars Mechanica*” uma “ars inferior”.

Na história do trabalho, poucos foram os movimentos que tentaram dar certa positividade ao mesmo e, quando o fizeram, estiveram atrelados às práticas de saber e poder determinados. Dessa forma, no início da economia capitalista um certo saber religioso, ligados ao movimento da Contrarreforma, se aliaram a determinadas estruturas de poder, vinculadas ao nascimento da burguesia, para ressignificar o trabalho como uma prática virtuosa.

Os burgueses vindos dos segmentos dos antigos servos, só puderam começar a comprar a sua liberdade, graças ao seu interesse pela tão desprezada “Artes Mecânicas”. Dessa forma, o trabalho longe de representar para eles a escravidão era um instrumento espetacular e eficiente de conquista da liberdade. (CHANLAT, 1993)

Pelo exposto, verificamos como múltiplos solos epistêmicos produziram diferenciados sentidos para o trabalho humano, tendo o mesmo variado de práticas caracterizadas como própria do escravo para um instrumento de conquista de liberdade.

## 5. *Considerações finais*

Nesse contexto, pode-se verificar que os acontecimentos dramáticos que se observam universalmente hoje como a deterioração física, psíquica e cultural de grande parte da humanidade, da onda de violência que tanto assola os grandes e, agora também, os pequenos centros urbanos, e as já citadas ameaças que planam sobre o equilíbrio ecológico do globo, as descobertas genéticas e suas conseqüências no campo ético, a virtualização da economia e a confusão que toma conta dos valores morais.

Percebe-se que exigem um questionamento do modelo economi-

cista e técnico que costuma ser colocados como essencial para o funcionamento das empresas, pois o mesmo tem um alcance infinitamente pequeno diante das singularidades que permeiam a subjetividade das pessoas que estão no interior das organizações, mas também inseridos nesse confuso mundo, por ser extremamente reducionista e simplista na análise do sujeito no interior das organizações.

Novos solos epistêmicos estão emergindo e velhas práticas enferujadas continuam querendo se afirmar o tempo inteiro como modelos explicativos inquestionáveis, considerando deter ainda certo poder mágico de “governos dos homens”, cuja prática se encontra subordinada a gestão de negócios.

Considera-se que se torna fundamental ressignificar o sentido do humano nas organizações, reintroduzir as pessoas no lugar que lhes pertence no universo do trabalho, na sua condição de ser humano complexo. Longe de uma postura unilateral, inflexiva e racional da abordagem corrente nas organizações, deve-se reconsiderar o ser humano dentro das mesmas como uma unidade pluridimensional, como um ser simbólico, vinculado a um quadro sócio histórico, a um solo epistêmico específico e atualmente tão confuso, que mais importante do que se produzir sobre os mesmos certo governo.

Em suma, devemos estimular que se constituam para todos os sujeitos organizacionais condições para a emergência de um governo de si para que cada um em sua singularidade possa no interior das organizações serem subjetividades que são compreendidas em toda a sua complexidade e diferença, para assim até “produzirem” mais com criatividade e com toda a sua potencialidade.

Sendo assim, parece nos dizer Michel Foucault... Sem entendimento das complexidades humanas, corremos o risco de estar cantando uma “velha canção” dentro das organizações.

E, ademais que cada um com seu cajado seja pastor de si mesmo...

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BETIOL, Maria Irene Stocco. (Coord.). *A psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana na análise da relação prazer, sofrimento e trabalho*. São Paulo: Atlas, 1996.

CHANLAT, Jean-François. *O indivíduo nas organizações: dimensões*

esquecidas. São Paulo: Atlas 1996.

CHOMSKY, Noam. *Le langage et la pensée*. Paris: Payot, 1970.

CLASTRES, Pierre. *A sociedade contra o Estado*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

\_\_\_\_\_. Trabalho: loucura ou prazer? *Revista Ser Humano*, São Paulo, vol. 28, n. 90, p. 56-57, 1994.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Trad.: Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FREUD, Sigmund. Totem e tabu. Trad.: Órizon C. Muniz. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas*, vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

\_\_\_\_\_. Sobre o narcisismo. Trad.: Themira de O. Brito, Paulo H. Brito e Christiano N. Oiticica. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas*, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

\_\_\_\_\_. O mal-estar na civilização. Trad.: José O. de Abreu. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas*, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

GUATTARI, Félix. *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo: Brasiliense, 1977.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

PIAGET, Jean. *O raciocínio da criança*. Rio de Janeiro: Record Cultural, 1967.